

# **O ato religioso e a relação entre homem e Deus: A teoria do conhecimento religioso segundo o filósofo Max Scheler**

Maiara Rúbia Miguel<sup>1</sup>

**Resumo** Vivenciar as consequências da Primeira Guerra Mundial impactou e sensibilizou a vida do filósofo alemão Max Scheler, que consciente do clima intelectual, em específico, com o que havia sido produzido no âmbito da fenomenologia da religião. Logo, ele empreendeu um sistema de conformidade entre religião e filosofia para elaboração de uma teoria do conhecimento religioso, que tornou viável compreender a manifestação do divino sob o mundo, tendo como base a obra *“Do eterno no homem”* publicada em 1921. Nesse sentido, esse trabalho se propõe em esmiuçar o desdobramento do princípio epistemológico religioso que influencia a possibilidade de conexão entre Deus e o homem.

**Palavras chave:** ato religioso, homem, Divino e mundo.

## **1. INTRODUÇÃO**

Um homem atípico como o alemão Max Scheler não poderia ignorar os eventos históricos e clima intelectual que o envolvia, já que era “uma espécie de sismógrafo metafórico do espírito de seu tempo” (CARONELLO, 2006, p. 168) e se ocupou de assuntos como: ética, religião e antropologia filosófica. Na ética, Scheler se preocupou em superar o sistema ético kantiano, enquanto que na religião ele procurou aplicar a fenomenologia e os preceitos cristãos para uma renovação religiosa, e muitos anos depois, na antropologia filosófica ele sistematizou um estudo que visava entender o homem dialogando com outras ciências. Mas, por ora, vamos nos ocupar dos estudos relacionados à fenomenologia da religião, e para tanto deve ser considerado o horizonte do clima histórico e intelectual que o inspirou a tal trabalho.

---

<sup>1</sup>Graduada em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Mestranda em Ciências da Religião pela mesma instituição. E-mail: maiara\_miguel@yahoo.com.br.

No horizonte histórico, a Primeira Grande Guerra deixou consequências que foram sentidas no mais profundo do ser humano. Há de constar um grande número de mortes, mulheres viúvas, crianças órfãs, sem contar a fome, desemprego e pessoas na miséria. Max Scheler confrontou essas consequências e se lançou na missão de repensar um sentido para vida, e assim, em 1921 publica, pela primeira vez, a obra *“Do eterno no homem”*, onde se verifica o texto “Problemas da religião: sobre a renovação religiosa”, pelo qual se verifica a preocupação do autor em aplicar fenomenologia à religião, de modo que seja possível alinhar os preceitos filosóficos de Santo Agostinho e os fundamentos da Igreja Católica Romana para uma renovação do espírito dos alemães desse período.

Scheler foi inspirado pelo clima intelectual desse momento, mas como não ser? Em 1918 verifica-se a publicação de Otto intitulada *“O Sagrado”*, que definitivamente, aos olhos do filósofo, é a exemplificação do sucesso da fenomenologia da religião, pois Otto conseguiu “com refinamento e uma profundidade notáveis as qualidades do sagrado” (SCHELER, 2015, p. 221). Em 1920 temos Martin Buber com a obra *“Eu e Tu”*, que na perspectiva judaica, define a relação do Eu (homem) com o Tu eterno (Absoluto). Há Martin Heidegger com suas preleções do semestre de inverno de 1920, conhecida popularmente como a *“Fenomenologia da vida religiosa”*, que se ocupou com as questões sobre o método de investigação do fenômeno religioso e como o vê nas experiências de vida do apóstolo Paulo. Em suma, a preocupação com o fenômeno religioso estava em voga, e Max Scheler não deixou de notar e contribuir para o desenvolvimento das discussões, que ultrapassaram os portões das universidades para chegar até a Igreja Católica.

Portanto, nessa comunicação serão abordados momentos de duas partes integrantes do texto *Problemas da religião: Sobre a renovação religiosa*, a saber: *Religião e Filosofia* e *Fenomenologia da essência da religião*. Não trataremos o último momento intitulado *Renovação Religiosa*, para aprofundarmos no modo como o divino se revela ao homem. Esse texto é a terceira parte que compõe a obra *“Do eterno do homem”* (1921).

## 2. CONFORMIDADE ENTRE RELIGIÃO E FILOSOFIA

Todos aqueles objetos caracterizados como pertencentes à fé religiosa, existência, a essência de Deus, imortalidade, alma, fé, e a posição existencial são objetos do conhecimento e especulação filosófica, assim como da religião. Para Max Scheler ignorar a existência de um fervoroso debate sobre as relações entre religião e filosofia é um contrassenso, pois há de constar a existência desde o século XII até o final do século XVIII discussões sobre fé e razão, filosofia e religião, que dominaram as mentes dos intelectuais desse momento.

O século XIX, em especial, foi responsável por produzir certa quantidade de pontos de vista sobre o relacionamento entre filosofia e religião, que para muitos não passou de opiniões e discussões em círculos escolares que combateram entre si confusamente. Esse fenômeno não se dá apenas por causa do problema que a evolução cultural moderna trouxe para a religião. Contudo, além disso, foi inevitável nesse clima não existir teorias e discussões sobre a relação entre religião e filosofia, que basicamente se dividem entre dois sistemas: *o sistema de identidade essencial total*, e *o sistema de identidade parcial da religião*.

Com efeito, Max Scheler ocupa-se em investigar tais teorias. Quando se pensa sobre *o sistema de identidade parcial* entre religião e filosofia se admite que o homem possui a capacidade de obter um conhecimento seguro sobre Deus, isto é, o homem é capaz de penetrar no que vem a ser a essência interna de Deus, mas somente com ajuda da fé e não da razão. Tal sistema vigorou por mais tempo na Europa, e encontrou espaço nas escolas Eclesiásticas, desde Santo Tomás de Aquino. Já o *sistema de identidade total* pode ser dividido entre: *gnóstico* e *tradicionalista*. O *sistema de identidade total gnóstico* considera a religião como um pensamento metódico e sem conexão com a ciência, enquanto que, o *sistema de identidade total tradicionalista* quer que a filosofia desapareça na religião como doutrina reveladora. No entanto, tanto as determinações gnósticas e a tradicionalista estão erradas, pois a determinação gnóstica não reconhece a originalidade da religião e a tradicionalista não reconhece a filosofia, especialmente a metafísica filosófica.

Scheler, sabendo que os dois sistemas possuem posturas equivocadas, propõe um novo sistema de ideias que será conhecido como *o sistema da conformidade*, pelo qual é permitido existir conformidade entre religião e metafísica. Mas, afinal, qual é sua estrutura característica? Nesse momento cabe uma ressalva, pois não vamos detalhar cada ponto peculiar de sua estrutura, ou, esgotar sua discussão, mas vamos introduzir aquelas características que melhor contribuem para a reflexão posterior sobre a teoria do conhecimento religioso, e sua atuação na vida do ser humano.

Sua estrutura leva em conta alguns pressupostos, mas daremos destaque a três, a saber: 1) a religião é em sua totalidade religião e não metafísica, 2) existe uma distinção necessária entre a religião natural e revelada, que é uma distinção dentro do âmbito da própria religião, o que leva a afirmar que não se pode considerar que há um Deus natural e um Deus revelado, pelo contrário, há somente um Deus; 3) a religião flui objetivamente da revelação de Deus e subjetivamente da fé. Nesse sentido, cabe sublinhar que Scheler vê a revelação como “o modo específico de dação de todo e qualquer tipo de dados intuitivos e vivenciais de um objeto dotado da essência do divino e do sagrado” (SCHELER, 2015, p.190).

No *sistema da conformidade* se busca o equilíbrio entre a metafísica e religião, a fim de assegurar a verdade religiosa, portanto, os resultados obtidos a partir da metafísica não precisam sofrer nenhum tipo de alteração, mas sim devem ser admitidos e submetidos à rigorosa análise.

Para que haja dialogo entre religião e metafísica e fundamentar o *sistema da conformidade*, se faz necessário um objeto idêntico que conecte estas distintas disciplinas. Em vista disso, Scheler admite o *ens a se* como o elo que liga a religião e filosofia, ou melhor, o objeto idêntico entre essas disciplinas. O *ens a se* é o resultado último de predicções lógicas que resultam na metafísica, enquanto que, a religião parte do *ens a se*. O *ens a se* é o absolutamente real em vista da possibilidade de acesso a uma verdade religiosa em absoluto. Assim, é possível apreender que a criação supõe a personalidade de Deus, e tal personalidade divina, por assim dizer, prova sua existência ao revelar-se.

### 3. CONEXÃO ENTRE HOMEM E O DIVINO

Tendo em mente a necessidade de existir conformidade entre religião e filosofia, que nesse caso, na perspectiva do filósofo há a preocupação em alinhar filosofia com a fé cristã (religião), e sabendo que existe um objeto idêntico que une essas áreas, resta-nos entender como Scheler propõe uma renovação religião a partir dos preceitos da fé cristã. Para isso, ele parte do pressuposto de que deve se admitir a fenomenologia concreta da religião como uma disciplina fundamental. Essa disciplina se destaca e é importante tanto para a sistemática da religião, bem como para toda a história da religião voltada às origens da religião mesma. “De todas as disciplinas religiosas, porém, o conhecimento filosófico da essência da religião é agora fundamentalmente diverso” (SCHELER, 2015, p. 208). A fenomenologia da essência da religião é, por sua vez, o “último fundamento filosófico para toda e qualquer outra ocupação filosófica e científica com a religião” (SCHELER, 2015, p. 208), pois somente a partir dela que podemos compreender a autonomia da religião, assim como os desdobramentos no campo do ser religioso, e do *ato religioso*. Em suma, a fenomenologia da essência da religião trabalha com o objetivo de investigar: 1) o que vem a ser a essência do *divino*, 2) a teoria das formas de revelação, 3) a teoria dos atos religiosos.

Para Scheler, ao que para entender os predicados que concernem ao ser do *divino*, se faz preciso, antes de tudo, considerar uma distinção importante sobre o seu modo próprio de revelar, pois há dois modos de compreendermos a revelação do *divino*. Quando o *divino* se revela em eventos ou em algum tipo de coisa, que está inserido em uma realidade acessível se fala em revelação natural, enquanto que quando o *divino* “se apresenta ou se anuncia por intermédio da palavra ou de pessoas (os *homines religiosi*), fala-se de uma revelação positiva” (SCHELER, 2015, p. 209). Portanto, a fundamental diferença é que: só é possível dizer que o *divino* se manifesta enquanto personalidade em uma revelação positiva.

“Até o ponto em que o “divino” é um ser que assume a forma de personalidade, ele só consegue se manifestar sob a forma positiva de revelação; e somente até o ponto em que a forma do ser da pessoa ainda não é pensada nele – até o ponto em que ele só é determinado

como *ens a se*, ser infinito, razão eterna, espírito etc.” (SCHELER, 2015, p.209).

Existe uma doutrina acerca dos graus de revelação, mas o que se leva dessa consideração é que os atributos da essência do *divino* podem ser entendidos pelo modo como ele se apresenta, ou seja, as categorias da essência do *divino* podem ser mais bem apreendidas tendo em vista uma análise minuciosa dos graus do modo como ele se faz revelar. No caso da revelação positiva, o *divino* consegue se manifestar por intermédio da palavra na medida em que ele é pessoa, e ainda no modo como ele se manifesta em pessoas, pois quando o *divino* se desvela, sempre revela algo de si: revelação da fundação e de si mesmo. Portanto, os distintos tipos de homens religiosos faz diferença e precisa ser investigado conjuntamente com as estruturas sociológicas de uma determinada comunidade, já que é por intermédio desses homens que o *divino* se faz revelar positivamente, e é na comunidade que se vê uma revelação conjunta.

O *divino* possui certas determinações essenciais, que devem ser entendidas a partir do pressuposto que todos os domínios do conhecimento do ser estão dados ao homem antes do conhecimento do ser. O *divino* é um ente absoluto e santo. O *divino* sempre está acima do todo, sendo assim em termos de capacidade de ser, o *divino* é totalmente dependente do homem para que sua existência possa ser completa. É claro que a dependência afeta o *divino*, mas tal dependência não é incondicionada, pelo contrário essa dependência revela uma determinação de superioridade sobre o todo, sendo assim a relação de superioridade absoluta do *divino* sobre o homem é uma das características e determinação fundamental.

Quando se considera que o *ens a se* é o último sujeito lógico das predicções metafísicas e religiosas, nota-se certa semelhança com a determinação religiosa do *divino*, mas a fundamental diferença se dá pela a via de conhecimento do *divino* e do *ens a se*. Pelo *ato religioso* o *divino* que se manifesta em outro por intermédio da revelação pode ser apreendido, enquanto que, pela metafísica se dá o conhecimento do *ens a se*, basicamente, por meio de operações lógicas. Assim, nessa perspectiva, pode ser percebida mais uma diferença entre o *ens a se* e o *divino*, a saber:

somente pelo *ato religioso* que se apreende o homem como criatura dependente do *divino*, dessa forma através do *ato religioso* percebe-se a criaturalidade da criatura como uma nota fenomenal. É pelo *ato religioso* que o homem infere o mundo através de uma relação ligada à própria essência do homem, pois é mediante esse ato que se pode conhecer e pensar o mundo. O *divino* manifesta-se no mundo e em sua estrutura, mas o homem só pode conhecer e pensar este mundo tendo em vista a realidade dada como divina por meio do *ato religioso*.

O mundo não depende do ato espiritual do homem. Não conexão direta entre a espiritualidade do *divino* e o mundo, mas uma conexão pela constituição essencial objetiva do mundo, pois o mundo está em relação essencial com as formas fundamentais do espírito humano. Sendo assim, a expressão do *divino* é observada nos acontecimentos da natureza. Não existe uma regularidade da causa do mundo e do *divino* e, justamente por isso, não é possível afirmar nada sobre o que é, de fato, a causa do mundo. Mas, pode ser compreendida como a relação do artista com a obra de arte, isto é, um artista como Portinari é a causa de uma obra de arte como é o caso do famoso quadro Guerra e Paz. Além disso, existe fenomenalmente algo nesta obra da essência espiritual individual de Portinari. Assim, também pode ser entendida a manifestação do *divino* no mundo, estando a presença do *divino* na criatura do mesmo modo como a essência de Portinari está contida na sua obra de arte. Em suma, só apreendemos e compreendemos o *divino* no *divino*, pois sua presença só pode ser compreendida mediante o ato religioso.

O saber religioso deve ser caracterizado, então, pela origem e sentido, uma vez que a espiritualidade *do divino* só pode ser acessada pelo homem se ele estiver compenetrado em si mesmo e no mundo exterior. Ou seja, a primeira condição para que o homem possa acessar o *divino* é a admissão da necessidade do homem em realizar seu *ato religioso*. Contudo, além disso, é primordial o homem viver seu núcleo, isto é, o mundo que ele mesmo é, de modo que não seja dada importância ao seu corpo, mas sim à potência de seu ato e ao modo como o homem dá a si mesmo.

Diante disso, deve haver dois modos polares através dos quais o homem pode experimentar o divino. O primeiro modo polar é a característica

de o homem viver seu centro espiritual de atos como orientador de todas as suas respectivas funções sensíveis e instintivas, pois assim há efetivação do *ato religioso*, já que ao invés de o homem viver no núcleo de seu corpo, ele vive compenetrado em seu núcleo espiritual, permitindo assim o conhecimento do *divino* pelo *ato religioso*. Ao passo que, o outro modo polar dá sua atenção ao corpo e funções sensíveis, fazendo assim com que seja excluída a execução do *ato religioso* e, conseqüentemente, a possibilidade do saber de que o divino é espírito, pois a atenção está no corpo e não no centro espiritual do homem.

Pelo *ato religioso* chega-se a conclusões que possuem significado religioso em absoluto, pois esse ato funciona melhor conforme as conexões essenciais construídas pelo homem com o ser do divino, de maneira que permite a conclusão geral da ideia da criação.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Max Scheler merece ser estudado, não só por ser um homem peculiar de seu tempo, mas por ter contribuído de modo decisivo para a tradição do pensamento contemporâneo. Passar pelo século XX sem saber quem foi Max Scheler é muito triste, e o próprio filósofo Gadamer reconhecendo a genialidade deste homem afirma que é “simplesmente inacreditável, quando se pergunta hoje a um jovem, ou mesmo a alguém mais velho que se interessa por filosofia, ele mal sabe quem foi Max Scheler (GADAMER, 2007, p.17), por isso o estudo de suas obras se faz necessário, e este trabalho demonstra o quão importante seu pensamento é para a fenomenologia da religião.

O período contemporâneo é marcado por diversas questões complexas e tentativas de compreender melhor a realidade e o homem, que são reflexo de seu contexto histórico. Max Scheler é um homem de seu tempo que viveu e refletiu, enquanto a primeira guerra mundial acontecia, por isso ignorar as conseqüências deste conflito seria contra sua própria natureza enquanto pensador, mas considerar que as pessoas estavam com os ânimos abalados e tentar elevar o espírito dos envolvidos é o que faz ser homem de seu tempo. A obra “*Do eterno no homem*” faz parte de um momento específico de



Scheler, mas, sobretudo, é a demonstração de que o conhecimento se constrói e evolui.

A revelação positiva assegura a revelação do divino através dos *homines religiosi*, que atuam em uma comunidade, pois a homem religioso não é um ser solitário, mas sim alguém que busca a salvação para si e para os outros. Portanto, é possível perceber que a experiência religiosa pode conduzir uma comunidade à salvação e efetivação do ato religioso. Em comunidade é possível apreender a essência interna do divino e seus atributos.

Pensar que a religião é uma das maneiras de trazer um objeto de sentido ao povo não é tão simples quanto parece, e Scheler demonstra a dificuldade, pois essa afirmação demanda o entendimento do que seria o fenômeno religioso e a experiência religiosa.

O ato religioso assegura o conhecimento religioso, e pelo ato religioso é evidenciado o fim que o caminho da religião leva, a saber, a salvação. Não deve ser eliminado o conhecimento metafísico sobre existências, mas por esse caminho o homem não consegue ter uma experiência com o divino. O homem é um ser de espírito, e por possuir tal capacidade ele acessa e vive o ato religioso, o que permite apreender a essência do divino no mundo.

A profundidade do texto *Problemas da religião: Sobre a renovação religiosa* não pode ser abordada nessa comunicação, há muitas outras questões a serem investigadas, o que faz com que os amantes do conhecimento se dediquem ao estudo de Max Scheler, para que a seu exemplo, possamos repensar as questões de nosso próprio tempo.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CARONELLO, Giancarlo. **Max Scheler: A figura de cristo de um projeto de filosofia cristã a uma soteriologia gnóstica.** IN: ZUCAL, Silvano. **Cristo na filosofia contemporânea: Volume II – O século XX.** Tradução de Benôni Lemos, Patrizia G. E. Collina Bastianetto. São Paulo: Paulus, 2006.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em retrospectiva: a posição da filosofia na sociedade.** Petrópolis: Vozes, 2007, p. 17-26.

**SCHELER, Max. Do eterno no homem. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petropolis, RJ: Vozes, 2015.**

**\_\_\_\_\_ . De lo eterno en el hombre. Tradução Julián Marías e Javier Olmo. Madri: Encuentro, 2007.**

**SOKOLOWSKI, Robert. Introdução à fenomenologia. Tradução de Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Loyola, 2012.**

**TEOFILO URDANOZ, O.P. Historia de la filosofia VI. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1978.**

**VEGAS, Jose Maria. Introduccion al pensamento de Max Scheler. Madri: Instituto Emmanuel Mounier, 1992**

**WOTJTYLA, Karol. Max Scheler e a ética cristã. Tradução de Diva Toledo Pisa. Curitiba: Campagnant, 1993.**